

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 232
28 de dezembro de 2013

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos, sejam bem-vindos.

O texto de Robin Phillips sobre a Escola de Frankfurt é muito simples, puramente jornalístico, e, malgrado uma ou outra imprecisão de detalhe, dá uma idéia aproximada do assunto. Embora trate do tema em um tom puramente polêmico e não descritivo, não deixa de ser uma boa introdução, pelo menos para quem não conhece nada a respeito.

O ponto que eu desejaria salientar quanto à Escola de Frankfurt é que toda ela tem a característica de ser a filosofia negativa, filosofia puramente crítica: nunca propõe absolutamente nada, baseia-se muito na idéia de Hegel do trabalho do negativo. Eles acham que a força agente na história é sempre o negativo, o destrutivo, e o positivo de algum modo aparece sozinho. Esse é um pressuposto que jamais foi confirmado e nem vejo como poderia ser. Eu penso, por exemplo, como você poderia gerar uma criança negativamente, ou alimentar-se negativamente, ou crescer negativamente? É uma idéia um pouco forçada, mas que se explica, em parte, pelo estado de espírito profundamente depressivo que caracteriza todos os membros desta escola — a começar pelo Max Horkheimer. Todos eles são pessoas que estavam desiludidas com a civilização européia, com o comunismo soviético, com tudo e que decidiram espalhar pelo mundo o seu estado de espírito negativo; é uma coisa realmente corrosiva. E eu tenho impressão de que toda a filosofia da Escola de Frankfurt se explica pelo simples estado emocional dos seus membros.

Curiosamente eles absorveram muito da técnica nietzscheana de remeter os problemas filosóficos a estados emocionais, ou seja, explicar escolas filosóficas, ou correntes, ou idéias pelo estado emocional que as produziu. O que evidentemente sempre faz sentido de algum modo, mas, na maior parte dos casos, não é necessário e transfere a discussão de uma área que já é um pouco problemática para outra que é puramente conjectural e, portanto, muito mais problemática ainda. Quer dizer, se eu não posso discutir uma idéia nos termos em que ela se coloca — sendo que esses termos pelo menos estão escritos e documentados —, eu terei muito mais dificuldade em discutir o suposto estado emocional que eu estou conjecturando por trás disso, de modo que a discussão aí se torna cada vez mais deslocada e não leva à parte alguma. Então fica sempre uma finalidade depreciativa e pejorativa embutida.

Toda esta onda de biografias pejorativas que surgiu a partir dos anos 60 e 70 — eu não sei se isso ainda é moda —, tudo isto é um resultado da Escola de Frankfurt. Vocês não podem esquecer que nas relações humanas a pessoa que tem má vontade e sentimentos ruins leva vantagens sobre as outras pessoas. É mais fácil contaminar as pessoas com seu mal estar, com o seu negativismo, do que conseguir reunir pessoas e organizá-las para uma tarefa positiva. Além disso, o elemento psicopático que existe em tudo isso tem de ser considerado. Pessoas

que tomaram como finalidade das suas vidas espalhar um estado de espírito negativo contra toda a civilização, contra praticamente tudo o que existe — Karl Marx usava essa expressão: “A crítica implacável de tudo quanto existe” —, é evidente que fundaram suas vidas em uma decisão gratuita, porque não há como fundamentar filosoficamente isto.

Qual seria a razão filosófica para eu fazer uma crítica implacável de tudo quanto existe? Para tanto, tenho de me colocar evidentemente acima de tudo quanto existe e julgar o universo como se tivesse outro universo para usar como termo de comparação. Isso é uma revolta contra a simples existência, contra a simples realidade. E, como tal, só pode ser entendida como uma pose que, embora ela seja em si mesma uma atitude filosófica, não resulta de uma atitude filosófica e sim realmente de um estado de espírito. De modo que eles mesmos foram os primeiros a exemplificar a técnica que eles muito usaram (aprendida também com Nietzsche e em parte com Freud), de explicar idéias e correntes filosóficas por um estado de espírito geralmente neurótico e psicótico.

A biografia desses indivíduos mostra evidentemente personalidades altamente em conflito, repletas de sentimentos e de atitudes negativas. A primeira atitude negativa que observamos encontra-se também no livro de Rolf Wiggershaus,¹ uma obra simpática à Escola de Frankfurt. Ele não deixa de assinalar a existência de elementos bastante doentios na convivência desses indivíduos, a começar pelo fato de Max Horkheimer, chefe da Escola por mais tempo do que qualquer outro, embora o Instituto tivesse muitos recursos, pagava salário de fome a todos os seus colaboradores e os explorava, quer dizer, levava a idéia da exploração capitalista até um nível caricatural. Não é normal nem que capitalista faça isto, quanto mais um anticapitalista.

Além disso, uma série de condutas estranhas, de pessoas realmente atormentadas, com dramas morais que transcendem a sua capacidade de resolver. Estudando a biografia de Georg Lukács (um dos pais fundadores da Escola), percebemos que durante toda a sua vida ele nunca foi capaz de resolver realmente o problema das relações entre o filósofo e o *establishment* comunista: ora ele se colocava como um heterodoxo, como um dissidente, ora se colocava como um verdadeiro escravo servil, um puxa-saco. Ele realmente não sabia o que fazer com relação a isto. Dito de outro modo: quando a situação existencial do indivíduo transcende o seu horizonte intelectual, então é bem provável que tudo aquilo que ele tem a dizer sobre tudo o mais está [00:10] gravemente prejudicado.

A idéia da crítica radical de tudo quanto existe coloca então o indivíduo acima de tudo quanto existe e faz da sua mente e da sua imaginação um padrão de medida para julgar a realidade. Ora, isso coloca um problema terrível. Já na minha juventude eu percebi que a normalidade e a sanidade não são qualidades que recebemos de graça e que temos por mérito de nascimento, mas são uma conquista, sobretudo quando vivemos em um ambiente que tem influência constantemente neurotizante. Conquistar e manter a nossa normalidade, a nossa sanidade ou a nossa centralidade, o nosso equilíbrio, é uma obra difícil, e temos de investir nisso. E, evidentemente, a primeira condição para isso é que o indivíduo não se coloque a si mesmo como juiz e padrão de medida de todas as coisas. Se ele fez isto, ele já escapou, já está fora da realidade, e colocou a sua imaginação ou a sua auto-imagem acima do universo inteiro.

¹ Wiggershaus, Rolf. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil (Grupo Record), 2002.

Este tipo de proposta ou de idéia emerge de uma fonte que já é doente e transforma, de certo modo, a doença em um padrão de julgamento.

É claro que em toda sociedade as pessoas que estão mais doentes e mais inadaptadas, que se mostram mais incapazes de manter uma posição razoável na sociedade, são as que têm mais raiva da sociedade. O indivíduo pode continuar sentindo isto mesmo quando, objetivamente, ele já conquistou uma posição muito boa. Ele pode ser um professor universitário ou até um ministro de Estado, mas por dentro ele ainda se sente abaixo da situação e vai então expressar toda a sua raiva sob a forma de uma elaboração filosófica.

Veja, a coisa mais importante no julgamento de uma filosofia é ver se ela tem em si mesma o padrão do seu fundamento, a garantia do seu fundamento, ou seja, ela se fundamenta a si própria. Aliás, a filosofia é fundamentar-se a si própria. A filosofia é a tentativa reiterada de encontrar um pensamento que se autofundamenta: ela tem dentro de si mesma as suas próprias razões, sua própria explicação e o seu próprio padrão de inteligibilidade. Por exemplo, quando estudamos Aristóteles, não precisamos recorrer a um outro filósofo para explicar o que ele está dizendo porque ele se explica, ele dá o fundamento do que está dizendo e chega até o limite da possibilidade da inteligência humana naquela situação. Você não precisa pedir a um outro que justifique o que Aristóteles está dizendo, em máxima medida ele está autojustificado. Claro que esta autojustificação nem sempre precisa ser totalmente elaborada pelo próprio filósofo, ele pode se apoiar em uma corrente anterior que subscreve e que, portanto, absorve dentro do conjunto do seu pensamento — às vezes é perfeitamente lícito fazer isso. Quando estudamos os escolásticos, vemos que eles comungam de uma série de premissas comuns que não é possível que cada um tenha de justificá-las de novo, mas eles têm uma fonte declarada do fundamento do que está dizendo. Agora, quando uma filosofia deixa você no ar, com interrogações fundamentais que ela própria nem chega a formular, mas das respostas das quais depende o entendimento dessa própria filosofia, então você está evidentemente lidando com um produto patológico do espírito humano.

Em relação a toda essa corrente, a começar pelo próprio Karl Marx, a proposta da crítica radical de tudo quanto existe não tem justificação possível e, mais ainda, ela não é sequer discutida. Esta idéia é tomada como premissa arbitrária: “eu vou fazer a crítica de tudo quanto existe e colocar todo mundo contra tudo”. E se perguntarmos: “Por que devemos fazer isto? Vamos problematizar isso aí”. Porém, isso não acontece. Não vemos em parte alguma nenhum deles tentando justificar esta atitude. Esta atitude com a premissa é um ato de vontade, é uma imposição. Então é claro que nesse caso desde o início já sabemos que estamos lidando com uma filosofia deficiente, portanto uma filosofia que terá de ser explicada não por ela mesma mas por algum outro quadro de referência, por exemplo, a psicologia ou a psicopatologia.

É claro que o indivíduo que começa a estudar filosofia e lê os livros de Herbert Marcuse ou Theodor Adorno vai ficar impressionado com isso, pois você tem ali uma riqueza de idéias e de sugestões, são pessoas de altíssima cultura e que às vezes até têm aqui ou ali um ou outro lance de gênio. E dificilmente o estudante vai chegar ao ponto de perguntar: “Mas qual é o fundamento de tudo isto? Por que esta filosofia está sendo elaborada? Qual é a força motivante por trás e qual é a justificação que essa motivação apresenta?” E quando o estudante salta sobre esta etapa, então ele está lendo não filosoficamente uma obra de filosofia, porque a filosofia é sempre e sempre a busca do fundamento, da inteligibilidade, da justificação, de alguma maneira. Se saltamos sobre o problema da justificação, se ignoramos as questões: “por que este problema é um problema?”, “por que eu devo me interessar por ele ou

por que qualquer pessoa deve se interessar por isso?”, então a leitura que você está fazendo não é filosófica de maneira alguma, por mais elementos ou artifícios filosóficos que você use no decorrer da exposição.

Esta é uma crítica que não se pode fazer, por exemplo, à escola analítica, porque ela sempre procurou justificar o que estava fazendo de alguma maneira. Quando eles dizem que vão tratar de problemas da linguagem, porque acham que todos os problemas filosóficos no fundo são problemas de linguagem, eles estão apressando uma razão fundamental, desde que possam justificá-la. Eu creio que essa premissa é errada, mas não podemos dizer que ela não é um fundamento, de algum modo. Mas, no caso da Escola de Frankfurt — e, aliás, no caso de todo o marxismo —, a idéia que está no fundo da crítica radical de tudo quanto existe não tem justificação e não é problematizada. Aliás, ela é raramente expressa. De vez em quando um deles fala disso, mas não existe nenhum escrito em toda a tradição marxista, incluindo a Escola de Frankfurt, que explique por que devemos fazer a crítica radical de tudo quanto existe. Então se trata de uma elaboração por meios filosóficos que toma como ponto de partida uma premissa filosoficamente inaceitável e que, aliás, não é filosófica de maneira alguma, é apenas uma atitude pessoal: “eu estou revoltado com tudo e vou raciocinar como se minha revolta fosse o fundamento de todo conhecimento possível”.

Então vemos que há uma desproporção enorme entre a presunção dessas filosofias e a sua absoluta falta de justificação. O que quer dizer que se, por um momento, nós voltamos contra ela própria a sua própria premissa da crítica radical, praticamente nada ali sobra porque nada está justificado, nada tem fundamento e tudo aquilo é apenas uma transposição de uma emoção pessoal em linguagem aparentemente filosófica. [00:20]

A própria profusão de novidades que aparecem em filosofia no mundo acadêmico é uma coisa altamente desorientadora porque, na medida em que você tenta acompanhar essas coisas e que você acha isso importante, seja para a sua formação acadêmica, seja para você se sentir mais ou menos orientado no mundo contemporâneo, você entra numa espécie de caos inabarcável. E se você se enreda no estudo de cada uma dessas filosofias, você perde às vezes o que é o centro vivo da atividade filosófica: a busca da fundamentação. E note bem: existe uma articulação muito sutil, mas indispensável, entre o que é a busca do fundamento e o que é a busca da sua normalidade e centralidade. Quando digo centralidade, eu quero dizer que é uma personalidade organizada em torno de uma consciência. Ou seja, é uma consciência que está no centro e que é capaz de abarcar todo um horizonte com todas as suas contradições, com todas as suas dificuldades, e permanecer mais ou menos orientada no meio daquilo, seja mediante o exercício das suas faculdades mais altas, seja mediante a modéstia de reconhecer que existe um limite, que você não pode saber tudo. Eu vejo que entre os estudantes de filosofia em geral, e não só no Brasil, a preocupação com a atualização predomina muito sobre a preocupação com a centralidade e a normalidade da inteligência.

O exercício da filosofia no quadro acadêmico é uma atividade puramente profissional, na qual quem a exerce não é uma pessoa inteira, é apenas o desempenho de um papel social e que tem de atender os requisitos daquela comunidade profissional. O indivíduo ser capaz de se dedicar a esta atividade, mantendo a sua centralidade e conservando a autenticidade da sua própria voz e da sua consciência pessoal, é muito difícil. Isto não se consegue sem conflito. Se você estudar a vida de Eric Voegelin ou de Rosenstock, você vai ver que esse pessoal vivia em conflito permanente com a estrutura da sua atividade profissional, que evidentemente não acompanhava os movimentos internos da sua consciência. É uma situação muito diferente da

que tinha, por exemplo, um Leibniz ou um Pascal que não tinham satisfação nenhuma a prestar a nenhum chefe de departamento ou a nenhum círculo profissional e que estavam, portanto, capacitados para filosofar sempre desde o centro e do topo da sua consciência. E, para isso, forjar a linguagem pessoal necessária para expor os pensamentos pessoais que lhes ocorriam.

Agora, quando você tem de atender à demanda de toda uma comunidade profissional, você pode fazer isso direitinho, mas dificilmente conseguirá fazer isto desde o centro da sua consciência — que é o problema filosófico fundamental! Quando eu defini a filosofia como a unidade do conhecimento na unidade da consciência e *vice versa*, foi exatamente isso que eu tive em vista. E da onde eu tirei esta definição? Eu não a tirei da minha cabeça, eu não digo que a filosofia é isso porque eu acho que ela deva ser isso. Eu obtive esta definição nem sequer por um meio filosófico, mas por um meio científico: descrevendo o que os filósofos universalmente reconhecidos fizeram efetivamente ao longo dos tempos. Existe uma série de atividades que nós exercemos com meios filosóficos e com técnicas criadas pela filosofia, mas que nesse sentido não são propriamente filosofia. Ou melhor dizendo, são impropriamente: são filosofia *secundum quid*. Mas, se você perde o fio da meada, a centralidade da coisa, você perdeu tudo. E em troca de quê? Em troca de uma profissão que não vai lhe dar nem tanto dinheiro e nem tanto sucesso.

Este problema acomete sobretudo as pessoas que se interessam pela escola analítica, porque ela é um oceano, eles não param de produzir coisas. São discussões que não acabam mais e que, para acompanhá-las, você tem de imergir profundamente no vocabulário, naquela atmosfera. Mas o ganho disso em termos de consciência é muito reduzido, então simplesmente não vale a pena. Neste sentido, até um confronto com a Escola de Frankfurt vale mais a pena porque, qualquer que seja o caso, ela está falando de problemas reais, problemas que existem não só para a comunidade acadêmica dos filósofos, mas problemas que afetam a vida da humanidade em geral. Isto quer dizer que um confronto com ela sempre acaba sendo útil de alguma maneira.

Diz Roger Phillips:

Na Grécia Antiga havia uma escola de pensadores conhecidos como sofistas, os quais se orgulhavam de sua capacidade de provar teses impossíveis. Alguns sofistas até ofereciam seus serviços em eventos públicos, onde platéias fascinadas tinham a oportunidade de ver como é que eles faziam para provar proposições que eram obviamente falsas. O sofista Górgias (século IV a.C.), por exemplo, inventou um engenhoso argumento para provar que, na verdade, nada existe e que mesmo se algo existisse, nada se poderia conhecer desse algo. Górgias argumentava ainda que mesmo se algo existisse e se pudéssemos ter algum conhecimento desse algo, tal conhecimento não poderia ser comunicado aos outros, e mesmo se algo existisse e pudesse ser conhecido e comunicado, não haveria nenhum incentivo para comunicar algo desse conhecimento para outras pessoas. Seria bom que semelhante sofística tivesse existido apenas entre os gregos antigos. No entanto, o século XX conheceu um pensador cujo absurdo rivalizou e até mesmo superou tudo o que os sofistas produziram. O nome dele é Herbert Marcuse (1898-1979), o guru da contracultura dos anos sessenta.

Muito bem. O paralelo com os sofistas é válido do ponto de vista técnico, porque de fato muitos dos procedimentos argumentativos da Escola de Frankfurt e, em particular, de Herbert Marcuse são sofisticos no sentido técnico do termo. Quer dizer, eles correspondem àquele elenco de argumentos sofisticos que já está registrado por Aristóteles. Isto é verdade. Porém,

a finalidade com que os sofistas e a Escola de Frankfurt exerciam suas atividades eram completamente diferentes. Os sofistas eram eminentemente profissionais em busca de um público ao qual pudessem vender os seus serviços. Esse público era constituído das classes altas de Atenas, cujos filhos eram virtualmente candidatos a algum cargo na política e portanto a aquisição da capacidade de discussão era importante para o exercício profissional deles. E os sofistas, por sua vez, para se impor como professores dessa técnica, tinham de mostrar uma capacidade argumentativa pelo menos capaz de deslumbrar ou desnortear a platéia. Então, a finalidade era mais uma espécie [0:30] de exibicionismo propagandístico do que qualquer outra coisa.

Mas no caso da Escola de Frankfurt não. Eles não estão fazendo isto nem por um diletantismo, nem por um exibicionismo. Eles têm um objetivo. Veja que eles participaram na juventude do movimento comunista ou de algum movimento pró-comunista e arriscaram nisso muito da sua saúde mental, do seu equilíbrio e de algum modo se deram mal, mas não queriam desistir completamente. A crise interna do marxismo é o ponto de partida da escola de Frankfurt, e o marxismo, evidentemente não se destina a apenas deslumbrar a platéia. Ele visa um objetivo muito claro, que é fazer uma revolução mundial, que quer entregar todo o poder a uma organização específica, o Partido Comunista, fundado na Primeira Internacional pelo próprio Karl Marx. Então há um objetivo prático a ser atingido, e este objetivo é de longuíssimo prazo. A responsabilidade que eles colocam nisso é imensamente maior que aquela que os sofistas colocavam no exercício da sua tarefa. Então, evidentemente, eu não sei se o Robin Philips usa esse paralelo com os sofistas só para fins polêmicos, quer dizer, para falar mal — todo mundo sabe que a palavra sofista tem uma acepção negativa, então, ao chamar o camarada de sofista você já o está rebaixando de cara — não sei se o objetivo dele foi só este, ou se ele está realmente dizendo que os procedimentos argumentativos destas pessoas, e os de Herbet Marcuse em particular, coincidem com a sofística tecnicamente. Qualquer que seja o caso, existe uma analogia e não uma similitude efetiva. Analogia é uma mistura de semelhanças e diferenças, então tem a semelhança do ponto de vista técnico, mas existe a diferença do objetivo. Ora, o que eminentemente define uma filosofia é o seu objetivo: onde ela quer chegar, quais são as perguntas fundamentais que ela responde, o que ela está propondo no fim das contas. Neste segundo sentido o paralelo não funciona de maneira alguma. Se o ponto de partida dos sofistas era um desejo de sucesso profissional, o ponto de partida da Escola de Frankfurt é um problema seríssimo, um problema existencial grave, que é, justamente, a crise interna do marxismo. Esta crise começa, sobretudo, com a Segunda Guerra Mundial. Já expliquei isto, que havia em todo o movimento comunista uma expectativa de que o proletariado não iria compactuar com guerras imperialistas criadas pela burguesia. E, em toda a Europa, o que se viu foi, ao contrário, um entusiasmo nacionalista e patriótico enorme, sobretudo no proletariado. Veja, mais tarde, quando surgem movimentos de tipo fascista ou nazista, basicamente nacionalista patriótico, hoje sabe-se que o partido nazista se construiu sobretudo na base das contribuições da base proletária. O grosso do dinheiro do partido nazista vinha do proletariado.

Você imagine o que isso representa para um comunista daquela época que era por definição um internacionalista, alguém que julgava que todo patriotismo era um inimigo fundamental da revolução, pois o patriotismo, segundo eles, representava apenas o interesse das várias burguesias nacionais. Imagine o que isso representava, então, como choque, como impacto cognitivo para esta gente. Ou seja, tudo aquilo no qual você havia depositado sua vida, sua esperança, de repente era totalmente desmentido pelos fatos. Ou seja, o pessoal da escola de

Frankfurt admitiu, desde o início, que havia algo de errado na teoria marxista. Mas não nos seus objetivos.

Havia um engano no que diz respeito à descrição da realidade, e portanto havia um erro de estratégia, e esse erro de estratégia precisava ser corrigido de qualquer maneira. Então, o impulso de salvar o marxismo foi o que motivou toda essa gente. Mas, é o caso de perguntar: até que ponto eles acreditavam que aquilo que eles estavam salvando valia a pena? Perguntando de outra maneira: até que ponto eles eram marxistas, mesmo? Esta é uma questão que ninguém respondeu até hoje, quer dizer: quais os pontos de concordância e de divergência entre a escola de Frankfurt e o marxismo que a antecedeu? Você vê que só há realmente um ponto em comum: a idéia da crítica radical de tudo quanto existe. Ou seja, eles não aceitam a descrição marxista da economia, não aceitam o proletariado como agente fundamental da revolução, a própria teoria da luta de classes como o motor da história — é claro que eles aceitam que a luta de classes existe, mas ela não é o motor decisivo da história; o motor é outro —, então, eles rejeitam um monte de coisas, mas eles conservam o desejo da revolução, e o desejo da destruição de tudo.

Quando digo desejo da destruição, você não pode esquecer que Karl Marx ao longo de toda sua obra, praticamente nada escreveu sobre como seria o socialismo. Ele acreditava que o socialismo surgiria da práxis, da prática revolucionária em si mesma e que, portanto, não precisava fazer planos, ou delimitar metas, nem coisa nenhuma. Vagamente ele define o socialismo como o poder de Estado na mão dos proletários, mas qual é a forma específica deste Estado? Qual o conjunto de leis, quais os instrumentos de ação do Estado, o que é essa ação propriamente dita? Sobre isto ele diz muito pouca coisa. O que já mostra que o impulso negativo, da destruição, predominava de algum modo. E este impulso se torna ainda mais extremo no caso da Escola de Frankfurt porque se tratavam de intelectuais que estavam, de algum modo, isolados do movimento proletário. Sentiam-se excluídos da história porque a história os havia ludibriado. A história havia prometido uma coisa, e veio outra. E sentiam-se, também, deslocados do próprio movimento comunista, porque eles não eram proletários, nem militantes. Eles eram intelectuais acadêmicos.

Ora, nós sabemos que, por exemplo, em Lênin existe um forte preconceito contra os intelectuais. Os intelectuais, na perspectiva leninista, são considerados elementos de classe média, e, no entendimento marxista-leninista clássico, essa é uma classe ambígua pelo simples fato de ser média. Ela em parte está ao lado do proletariado, mas ela em parte é servidora da burguesia. Então, a classe média não é confiável, e os intelectuais, portanto, não são confiáveis. O indivíduo sabendo que a história se voltou contra ele, e que seus próprios companheiros de ideologia (companheiros no sentido mais vago possível) o vêem com desconfiança e o despreza é um ponto de partida muito negativo e muito deprimente. E, mais ainda, não se pode esquecer que quase todos os membros fundadores da Escola de Frankfurt eram judeus, e haviam recebido alguma formação religiosa judaica no início. Então, como converter esse mundo teológico judaico em uma ideologia da revolução? Este não é um problema fácil de resolver.

Georg Luckacs, especialmente, no início teve interesses teológicos profundos. Ele estava em busca de Deus, de algum modo. Mas a [0:40] busca de Deus no contexto judaico não é só a busca de Deus. O sujeito tem de encontrar um Deus e também de algum modo a confirmação da missão profética de Israel. Trata-se então de uma espécie de trabalho duplo. Não se trata somente de acreditar em Deus, mas de acreditar que Deus falou a um povo em especial e que

esse povo tem uma missão. Eu acho que a tendência de transferir de algum modo a missão profética desde o povo judeu para uma classe revolucionária é nítida em Karl Marx; quer dizer, ele coloca o proletariado como se este fosse o povo eleito. Coloca o proletariado no lugar do povo judeu. E os frankfurtianos não poderiam mais nem colocar o proletariado. Então, sobrou o quê? Sobrou um povo profético vazio, que não pode ser definido, ou seja, o povo eleito não são mais os judeus, mas também não são os proletários, então quem são afinal de contas? Sobra apenas uma resposta: somos nós mesmos.

Então isso quer dizer que toda a concepção da Escola de Frankfurt está baseada na idéia de que eles, aquele grupo em particular, têm uma missão profética. Essa missão por sua vez não se define por nenhuma meta positiva, mas se orienta sobretudo pela idéia da crítica radical de tudo. Então, enxergar-se a si próprios como os destruidores de tudo e atribuir ao mesmo tempo a esta missão destrutiva um valor positivo em si mesmo, é claro que é um estado de espírito muito peculiar. Trata-se de aproximadamente vinte pessoas que tomaram para si a tarefa de destruir tudo, pois essa total destruição seria a única forma do bem — bem este que, segundo eles, está encarnado neles mesmos.

Sem levar em conta esses elementos não dá para entender ‘A’ do que a Escola de Frankfurt diz. E eles estão sempre com isso em vista, não interessa se o sujeito está analisando uma obra de literatura, ou um estilo musical, ou um acontecimento da política. Este desejo de encarnar por si a destruição de tudo e fazer desta destruição a única forma possível do bem está por trás de tudo o que eles fizeram. Isto é a mesma coisa que dizer que os caras não eram pouco loucos.

E ao mesmo tempo, é claro que este estado de espírito favorece muito a comunicação entre eles e qualquer pessoa que esteja revoltada contra o que quer que seja. Ou seja, o número de insatisfeitos no mundo é muito grande e a Escola de Frankfurt é a própria insatisfação sistematizada, a insatisfação geral, e sendo a insatisfação geral ela tem algo a dizer a qualquer insatisfação em particular. Quer dizer, a mulher que está insatisfeita com a vida doméstica, o sujeito que pertence a uma minoria de imigrantes e que está insatisfeito com a sociedade em que vive, o camarada que está insatisfeito com o seu emprego: a Escola de Frankfurt, como está falando da insatisfação geral, tem algo a dizer a cada uma dessas pessoas; então, de certo modo, ela incorpora a linguagem geral de todas as insatisfações.

Vocês vêem que quando eu digo isso eu estou usando em cima deles o mesmo preceito Nietzscheano que eles usaram, quer dizer, vamos ver qual é o fundamento psíquico, o fundamento emocional, a motivação emocional por trás das idéias. A motivação, então, de todos os frankfurtianos é esta, fazer da destrutividade, da negatividade a única forma possível do bem. Portanto, no entender deles, este é um mundo onde o bem só pode existir sob a forma invertida.

Então vamos lá, segue aqui o Robin Phillips:

Marcuse é importante, mas não porque ele foi capaz de elevar a sofística a inauditos níveis de distorção da verdade, mas porque o seu pensamento voltado à corrupção da verdade teve um papel formador na definição de boa parte do “senso comum” coletivo (ou, mais precisamente, contra-senso comum) de nossa época.

Quão formador? Em 1968, quando os estudantes se revoltaram em Paris, eles puseram a cidade abaixo carregando faixas que diziam “Marx/Mao/Marcuse”.

Veja, Mao Tse Tung é a encarnação mais perfeita do espírito de destruição, porque o resultado da obra dele é 75 milhões de mortos. Foi só esse o resultado, tudo mais foi desfeito. Note bem: dentro do processo da revolução chinesa um dos capítulos fundamentais foi a tal da Revolução Cultural, que consistia em destruir todos os elementos de cultura tradicional chinesa, ao mesmo tempo que o próprio Mao Tse Tung copiava de algum modo a posição ou a figura do sábio chinês tradicional. Existe um livro, *Red Star Over China*, escrito por um eminente puxa-saco do regime maoista que foi Edgar Snow, em que ele diz claramente isso. Ele diz que em grande parte o sucesso do Mao se deve ao fato de que o povo o via não como um líder político, mas como uma espécie de Lao-Tsé ou Confúcio, quer dizer, o cara que encarnava a sabedoria tradicional da China. E ele a encarnava destruindo-a e proibindo todos os seus símbolos.

Eu me lembro que uma vez estava estudando o *I Ching*, e jogava o *I Ching* com aquelas moedas, e uma amiga minha foi para a China e eu pedi a ela que procurasse aquelas varetas desse jogo, que deixam o processo muito mais complexo. Mas quando ela voltou de lá, me informou que isso não existia em Pequim, e que só era encontrado em cidadezinhas do interior muito atrasadas. Também, quando o meu amigo Ahmed (Ahmed Youssif El-Tassa) voltou da China pela primeira vez — ele estava lá na Academia de Ciências da China, foi o primeiro não chinês que foi admitido nessa academia, e é para o meu gosto o maior sinólogo do mundo — ele disse o seguinte: que os chineses de hoje, os letrados, o pessoal das universidades, não são capazes mais da mínima noção metafísica, eles não pegam mais. Se você fala o que é espírito por exemplo, eles entendem apenas como psíquico, como atividade psíquica, eles não entendem mais o que é espírito. Mas daqui a pouco eu volto a este assunto de espírito e psique.

Então isto quer dizer que a Revolução Cultural do Mao Tse Tung de algum modo funcionou. Esta revolução era voltada eminentemente contra os intelectuais: professores universitários, escritores, jornalistas, poetas etc. Muitos desses foram mortos, outros foram espancados e expulsos dos seus cargos, humilhados publicamente etc.

De algum modo, quando esses estudantes franceses associavam Mao e Marcuse, eles sabiam o que estavam fazendo, porque ali realmente era a dialética da destruição. E quando você vê como o homem que encarnava essa destruição, que era o Mao Tse Tung, representava ao mesmo tempo para multidões de pessoas o máximo de valor positivo — até outro dia alguém colocou *online* a foto de um chinês prosternado diante de um altar de Mao Tse Tung, isso não no tempo de Mao, mas agora. Então isso quer dizer que a destruição era o único elemento positivo, a obra era eminentemente destrutiva, e, é claro, de uma obra eminentemente destrutiva o que sobra é apenas destruição. Quer dizer, praticamente tudo o que Mao fez no seu tempo foi desfeito: a coletivização da agricultura foi desfeita, a estrutura comunista da propriedade foi desfeita, tudo foi desfeito e veio uma injeção de capital americano. [50:00] Sobra só a cúpula do partido comunista que está apegada ao seu poder, não vai largar a rapadura tão cedo. De tudo o que se fez na China desde a Revolução até agora, só o que sobrou foi isto: um grupo apegado ao poder. Foi só o que sobrou.

Um outro elemento, uma outra pergunta que se pode fazer é a seguinte. São sessenta anos de cultura comunista na Rússia e nos países satélites. Na Rússia havia o maior movimento editorial do mundo, quer dizer a editora estatal Edições Progresso de Moscou era um negócio extraordinário, os livros eram impressos em milhões de exemplares. E o que sobrou da

cultura comunista? A URSS tinha mais escritores, mais professores universitários que todo mundo. Todo mundo sustentado pelo Estado evidentemente. E de tudo o que esse pessoal produziu na época, o que daria para ler hoje? O que tem algum interesse para quem quer que seja hoje? O que sobrou da Rússia foi a cultura antagônica, a cultura adversária: Soljenitsin, Bukowski, essa gente, os dissidentes. Da cultura oficial, nada sobrou. E na China? Ou seja, de todo o investimento que foi feito para destruir a cultura antiga e instaurar uma nova cultura socialista, o quê sobrou? Você pega o pessoal do PCdoB e pergunta pra eles: quantos autores chineses comunistas você tem lido? Nada, depois de Mao Tse Tung não tem mais nada.

Mas como é possível que vocês sendo tão comunistas e tão maoístas não se interessam pela cultura que a China comunista criou? Não, eles não se interessam. E quando você vê — aí no Brasil houve várias exposições da cultura chinesa — qual é a cultura chinesa exportada para tentar fazer uma boa imagem da China? A cultura tradicional, aquela a Revolução Cultural foi feita para destruir. Cultura tradicional, portanto, que só existe nas exposições internacionais. Não existe mais dentro da China. Quer dizer, é realmente só para inglês ver, é só uma vitrine.

Este estado de espírito de destruição que se coloca como única coisa positiva, do mal que se afirma como o bem, isso está no fundo de todo esse pessoal da Escola de Frankfurt. É claro que é impossível você não ver aí um estado de espírito doentio, ou até mesmo psicopático.

Então vamos ver:

Robert Young, em seu prefácio para o livro de Marcuse, *Negações: Ensaio em Teoria Crítica*, disse que “mais que qualquer outro indivíduo no século XX, Marcuse foi, entre os acadêmicos puros, aquele que teve o efeito mais direto e profundo sobre os acontecimentos históricos”.

Naquele momento! Mas hoje praticamente ninguém lê Herbert Marcuse. Desse pessoal da Escola de Frankfurt, os mais citados são o Walter Benjamin, o Habermas (que é, por assim dizer, o mascote da turma, o caçula da turma), o Theodor Adorno (sobretudo sobre a parte musical) e um pouco o Georg Lukacs. Marcuse parece que foi o episódio do qual o pessoal se envergonha um pouco. É uma coisa terrível o contraste entre o sucesso de Marcuse nos anos 60 e 70 e o estado de esquecimento em que ele caiu depois.

A Escola de Frankfurt

Marcuse veio de uma geração de intelectuais que tinham experimentado a devastação da Primeira Guerra Mundial. Essa guerra sem sentido, junto com a gripe espanhola, que se lhe seguiu imediatamente e exterminou tantas pessoas quanto ela, produziu uma geração de intelectuais exaustos e cínicos, prontos para abraçar ou o falso otimismo do fascismo ou do marxismo.

Note que a idéia da destruição como a única força positiva também se impregnou no fascismo; aliás essa é uma das características fundamentais das primeiras ideologias fascistas. Quem produziu essas primeiras ideologias foram eminentemente soldados que voltavam das trincheiras da Primeira Guerra Mundial totalmente desiludidos com tudo. Eram pessoas que haviam ficado quatro anos nas trincheiras vendo seus amigos sendo decepados ao lado, vendo sangue para tudo que era lado etc. Quando voltaram para o mundo burguês das eleições, dos debates parlamentares, da moda etc., tudo isso lhes pareceu de um artificialismo terrível. Então a apologia que o fascismo faz da força e da violência é exatamente a mesma apologia do negativo que vocês vêem no pessoal da Escola de Frankfurt.

Muitos dos que adotaram o segundo caminho, o marxismo, reuniram-se no Instituto de Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt (cujo nome era Instituto de Estudo do Marxismo), na Alemanha. Esse movimento caracterizou-se por uma visão intelectual original que veio a ser conhecida como “Escola de Frankfurt”.

Essa visão era essencialmente marxista, mas com uma diferença. Enquanto Marx acreditava que o poder estava nas mãos daqueles que controlavam os meios de produção, a Escola de Frankfurt argumentava que quem tinha o poder eram aqueles que controlavam as instituições de cultura. A Escola viria a incluir sociólogos, críticos de arte, psicólogos, filósofos, “sexólogos”, cientistas políticos, e uma série de outros “especialistas” determinados a converter o marxismo, uma teoria estritamente econômica, em uma realidade cultural.

Prestem bem atenção. A perspectiva da Escola de Frankfurt não incidia sobre aqueles que controlavam os meios de cultura. Quem controla os meios de cultura são os seus proprietários, evidentemente, recaindo, portanto, na mesma idéia de burguesia. Mas o paralelo que se faz aí é o seguinte: Marx dizia que a burguesia tinha a propriedade nominal dos meios de produção, mas que estes estão de fato na mão do proletariado, já estão na mão do proletariado. É ele que mexe com as máquinas. O burguês fica lá no escritório só fazendo contas. E, *mutatis mutandis*, quem controla os meios de comunicação e de cultura não são os seus proprietários, mas aqueles que trabalham neles. Então são os intelectuais, são os jornalistas, o pessoal do rádio e TV etc. Esta é a classe que de algum modo já está no poder. Faltaria apenas ela tomar consciência de que já tem o poder na mão, e isso aconteceu efetivamente. Se você observar, por exemplo — isso aí eu digo por experiência própria no jornalismo brasileiro —, os donos dos meios de comunicação raramente dão palpites no que é feito, seja na televisão, no jornal etc. O pessoal da redação decide tudo livremente e o dono jamais vai querer contrariá-los.

No caso dos meios de comunicação, há uma diferença fundamental, embora haja uma analogia: o proletário lida com máquinas e o burguês tem a posse jurídica; o proprietário burguês tem a posse jurídica dos meios de comunicação e os seus empregados, a classe média de intelectuais, põe a mão na massa. Existe uma diferença fundamental: o que o proletário faz na fábrica é produzir coisas, ao passo que o intelectual nas escolas, nos jornais, nas rádios, TVs etc., desempenha atividades que já são a produção de idéias, já são a produção de influência. Então é a mesma coisa dizer que a intelectualidade está muito mais próxima de ter o poder na mão do que os proletários. Para tomar o poder, os proletários necessitam fazer algo mais além que o exercício da sua função de proletários. [1:00] Quer dizer, não é porque o sujeito monta tratores ou automóveis que ele tem o poder. Mas o jornalista na medida em que ele escreve, em que ele fala, ele já está exercendo o poder. Quer dizer, o caminho é muito mais curto. O caminho da condição de agente de uma burguesia para a de centro autônomo do poder é muito mais rápida e direta no caso dos intelectuais do que nos proletários. Marcuse é um intelectual chave desse movimento junto com Theodor Adorno, Max Horkheimer, Erich Fromm, Walter Benjamin, Leo Löwenthal, Wilhelm Reich, Georg Lukács e muitos outros.

Esses homens estavam desiludidos com a sociedade ocidental e os valores tradicionais. Lukács que ajudou a fundar a escola disse que o objetivo era responder a seguinte pergunta: Quem nos salvará da civilização ocidental.

Mas eles estavam desiludidos com o próprio movimento comunista, com o próprio marxismo de algum modo, tanto que eles tiveram que refazê-lo.

Terror e civilização são inseparáveis, escreveram Adorno e Horkheimer em 'A dialética do iluminismo'. A solução para o terror era, portanto, simples: dismantlar a civilização.

Só que esse dismantlamente também tem de ser feito através do terror, de modo que os elementos de terror que estão sempre presentes por toda parte, tanto na civilização quanto na barbárie, agora eles se tornam o meio predominante de ação, tendem a dominar todo o cenário, porque a atividade de destruição é assumida como a única atividade possível ou a única que faz sentido. Basta reparar nisto para você ver que tudo o que houve em matéria de terror e miséria no socialismo por toda parte era absolutamente inevitável, porque esse era o único caminho possível, não há outro. Eles não estão propondo nada além da matança, nada mais além da destruição.

Aluno: O trabalho do negativo não é ele mesmo o fundamento das inversões que define a mentalidade revolucionária?

Olavo: acontece que o negativo por si mesmo é impossível, ele vai resvalar no nada, no fim das contas. O que acontece é que no lugar dele entra a inversão. A inversão, o rebaixamento, a caricatura etc. Por exemplo, é muito fácil o indivíduo falar que o problema é a família patriarcal, concluindo daí que ele tem de destruí-la. Em primeiro lugar, a família patriarcal não existe mais há cem anos, mas eles acham que ainda estão destruindo. Na verdade, trata-se de destruir qualquer estrutura familiar. Mas e como será a organização depois? É absolutamente impossível conceber outra coisa a não ser alguma caricatura: a família gay, a família comunitária onde todo mundo faz suruba organizada. Mas isso não são formas de organização propriamente ditas, elas só têm a função negativa, substantivamente eles não podem existir, não podem prosperar, não podem dar em nada. Quer dizer, você vai entrar num experimentalismo sem fim.

Nessa confusão o que vai acabar predominando, no fim das contas, é a poligamia islâmica, que pelo menos tem uma forma, é uma estrutura legal, consolidada, identificável. Então se cria um vazio e quem o ocupa é o islã, sem dúvida. E isto, aliás, está acontecendo. Se há 30 ou 40 anos você falasse que nos dias de hoje a força política mais ativa seria o islã, todo mundo ia rir na sua cara; mas isso já era uma coisa altamente previsível naquele tempo. René Guénon disse isso ainda em 1928: ou restaura a Igreja Católica, ou vai ser o caos geral, ou vai ser a islamização. A Igreja Católica já ficou fora de páreo, então sobra duas: ou o caos ou a islamização. Como o caos não é efetivamente uma força positiva (o caos é apenas uma força autodestrutiva), então vem o islã.

Aluno: Alguma pessoa consegue furar sozinho esse bloqueio que o senhor disse hoje e atingir a realidade?

Olavo: Sem dúvida. Só a pessoa sozinho pode fazer isso, tem de ser uma decisão pessoal. Na medida em que ela necessita do apoio, da solidariedade, da aprovação de qualquer meio social possível, então ela já entrou nesse processo. Não podemos esquecer que o movimento revolucionário mundial é a chave de toda a cultura contemporânea, cultura que ele próprio quer destruir. Tudo isso que estamos vendo não é o movimento revolucionário contra alguma coisa, é o movimento revolucionário contra a sua fase anterior. É sempre assim.

Não tem como vencer isso mediante a adesão a um outro grupo, como igreja tradicionalista ou coisas do tipo, porque isso não vai resolver o problema.

Aluno: Estou no segundo semestre de arquitetura e desde o primeiro percebi que muitos professores eram críticos do movimento moderno. Infelizmente, em seguida revelou-se que a crítica também era revolucionária, partia do movimento situacionista, que faz uma boa crítica da impessoalidade moderna para em seguida aderir a uma pseudo-pessoalidade inumana e das concepções ecológicas que juntam umas coisas boas ou outras com o clima etc. com uma avalanche de bobagens.

Olavo: É um grupo que substitui outro grupo. O que temos de fazer é individualmente sair da corrente do movimento revolucionário. Isso não é difícil, porque basta se apoiar naquilo que, na expressão dos escolásticos, todos, sempre, em toda parte acreditaram. Temos de nos apegar àqueles elementos que são permanentes na estrutura humana, que não estão condicionados por um período histórico. Como dizia Goethe: para fugir da atualidade você tem de buscar refúgio naquilo que nunca teve atualidade.

Se você está raciocinando junto com Aristóteles, com Lao-Tsé, com Platão, com São Tomás de Aquino etc., então você não está no seu tempo. Isso eu chamo de cronocentrismo. Por exemplo, tenho lido alguns livros sobre a história das cruzadas, escritos por historiadores altamente qualificados que sabem tudo a respeito. Mas quando os autores colocam o problema, quando equacionam o problema, colocam nestes termos: “como foi possível que as religiões recorressem a tal violência, apelassem para a guerra etc.?” Essa é uma pergunta que só poderia surgir nos últimos 40 ou 50 anos, porque a idéia da guerra como elemento normal da humanidade está presente em todas as religiões: no antigo testamento, no corão, na Bagavadguitá. Então, do ponto de vista da história universal da humanidade, a guerra é um acontecimento normal. Mas na mentalidade pacifista de Nova Iorque, do sujeito que levou uma vida toda confortável, protegidinha etc., e que acredita que as religiões são elementos de paz, ou seja, que ela teve a sua mentalidade formada pela nova ordem mundial e pela ONU, para ele é de fato uma coisa escandalosa que as religiões façam guerra.

Mais ainda: é evidente que a soma de todas as guerras de religião que houve desde o começo dos tempos não matou um centésimo do que as ideologias científicas modernas mataram. Então por que a surpresa? Por exemplo, o islã começa como uma religião guerreira, ele afirma o dever da guerra santa desde o primeiro momento. O islã se propaga não pela pregação, mas pela ocupação de território, pelo ataque aos seus inimigos; e isso desde a sua origem. Então como estranhar que o islã faça guerra se ele já nasceu dizendo que ia fazer exatamente isso? [1:10] Quer dizer: se o sujeito faz aquilo que ele prometeu fazer, o que pode haver de tão estranho nisso que tenha de ser explicado?

Por outro lado, em ralação às cruzadas, os mulçumanos, já estavam atacando, invadindo o ocidente fazia seis séculos; as cruzadas, portanto, foram uma reação tardia. Como o sujeito pode achar que é inexplicável e que precisa de uma explicação especial, um fenômeno que é óbvio por si mesmo? Isso é comum a praticamente todos os historiadores da atualidade.

Então por mais que o sujeito estude, por melhor que seja a sua formação, o que vai determinar a base da sua visão do mundo são as comunicações de massa atuais: é a televisão, no fim das contas. Isso são valores bocós adotados há 20 ou 30 anos, e que acabam formando a cabeça dos mais altos intelectuais. Isso porque o sujeito que foi estudar história, foi estudar apenas

história, o que foi estudar filosofia, foi estudar apenas filosofia: nenhum deles se colocou o problema da sua formação como ser-humano, ou tinha como objetivo estar à vontade em todas as épocas e em todas as civilizações, ser uma pessoa que não estranha ninguém — aquela coisa do Pico della Mirandola: *Nihil humani a me alienum puto* (nada do que é humano me é estranho).

Se o sujeito não quer ser isto, então ele vai ser apenas mais um profissional universitário, e por mais que estude, por mais que evolua, vai estar preso dentro de preconceitos bocós, os quais ele pode adquirir no programa da Oprah Winfrey ou em outra fonte igualmente qualificada. Por exemplo, o entusiasmo geral pela pessoa do Mandela, que é senão isso: o indivíduo colocado como um símbolo de certas virtudes que supostamente são universais, a paz, o antirracismo etc. E as pessoas aceitam o símbolo, elas não querem saber da realidade por trás.

Mas se até o papa entra nessa conversa, então o poder da comunicação de massa é uma coisa absurda. Porém, esse poder só existe na medida em que a atualidade seja sua referência. Quando você começa a viajar para outras épocas e começa a tratar as pessoas de outras épocas e civilizações como seres humanos iguais a você, você se livra disso automaticamente. Não é só uma questão de aprendizado, de educação, mas é também uma questão de cultura da personalidade.

Hoje o pessoal fala tanto sobre preconceito, mas tudo isso é preconceito, no fim das contas. Se o que os caras faziam em outras épocas me parece muito estranho, então é porque eu estou preso na minha época. É aquele negócio do homem do seu tempo: qualquer sujeito que vira manchete de jornal é um homem do seu tempo. Qualquer serial killer é um homem do seu tempo — claro, ele é um personagem típico de uma cena típica de uma determinada época. Se você não quer ser atípico, você vai cair nisso. No momento em que você se torna atípico, você absorve esse legado, essas atitudes, valores humanos universais etc., você não precisa mais disso. Quando você sabe alguma coisa, está plenamente consciente de algo, você não tem satisfação a prestar a opinião dos outros; ao contrário, a sua obrigação é mudar a opinião dos outros.

A Roxane vive me contando o que fulano ou cicrano pensa a respeito de tal ou qual coisa, mas eu não quero saber o que ele pensa, porque eu já pensei a esse respeito e ele não pensou, ele abriu a boca agora; por que eu tenho de me interessar pela opinião dele? A personalidade humana é um valor extraordinário e é a única força que existe. Se você se esforça para adquirir conhecimento, você vai ficar sabendo coisas que as outras pessoas não sabem, então não é a elas que você tem de perguntar o que você tem de achar; é você que tem de dizer a elas, você tem de se tornar um centro irradiante, uma força ativa. As pessoas não estão acostumadas com isso porque nós estamos mesmo na civilização de massas, todo mundo é um objeto passivo que é moldado pelo que os donos da voz pública dizem.

Mas você não é obrigado a aceitar isso. Eu não sei por que as pessoas têm tanto medo, pensando que vão ficar sozinhas etc., quando a verdade é que já nascemos sozinhos, e morreremos também sozinhos. Quando você tem dor de dente, o seu bairro inteiro fica chorando? Não, ninguém liga. Para você perceber que está sozinho, basta pedir dinheiro emprestado. Aceitar essa condição de que somos seres eminentemente solitários, e que o contato humano é antes uma raridade, antes uma exceção que uma regra, na hora que você absorver isso você não precisará mais de todo esse apoio.

Transcrição: Charles Santos, Matheus Hahn Oliveira, Wellington Rossi Kramer e Jackson Almada

Revisão: Éricson Rojahn